

CAPÍTULO 3

saussure após meio século⁽⁴⁾

Ferdinand de Saussure morreu a 22 de fevereiro de 1913. Eis-nos reunidos cinquenta anos depois, na mesma data, a 22 de fevereiro de 1963, para uma comemoração solene, na sua cidade, na sua universidade⁽⁵⁾. Essa figura assume agora os seus traços autênticos, aparece-nos na sua verdadeira grandeza. Não há um só lingüista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome. Algum mistério envolve a sua vida humana, que cedo se retirou para o silêncio. É da obra que trataremos. A uma tal obra apenas convém o elogio que a explica na sua gênese e faz compreender o seu brilho.

Vemos hoje Ferdinand de Saussure de maneira totalmente diferente da dos seus contemporâneos. Toda uma parte dele mesmo, sem dúvida a mais importante, não foi conhecida senão após a sua morte. A ciência da linguagem foi pouco a pouco transformada por sua causa. O que foi que Saussure trouxe à lingüística do seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?

Para responder a essa questão, poder-se-ia ir de cada um dos seus escritos ao seguinte, analisar, comparar, discutir.

4. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 20, Genebra, Librairie Droz (1963).

5. Estas páginas reproduzem o essencial de uma conferência feita em Genebra no dia 22 de fevereiro de 1963, a convite da Universidade, para comemorar o cinquentenário da morte de Ferdinand de Saussure. Algumas frases liminares, todas pessoais, foram suprimidas. Não se deverá esquecer que esta exposição foi concebida com vistas a um público mais amplo que o dos lingüistas e que a circunstância excluía qualquer discussão e mesmo qualquer enunciado muito técnico.

Semelhante inventário crítico seria, sem dúvida, necessário. O belo e importante trabalho de Godel⁽⁶⁾ contribui, já, amplamente para isso. Mas não é esse o nosso propósito. Deixando a outros o cuidado de descrever em pormenores essa obra, tentaremos reaprender-lhe o princípio segundo uma exigência que a anima e que, de fato, a constitui.

Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe. Nem sempre é fácil reconhecer-lhe nas diversas operações, às vezes vacilantes, a que se entrega a reflexão de Saussure. Mas, uma vez percebida, ilumina o sentido do seu esforço, e o coloca frente a frente com os seus precursores, como em relação a nós.

Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, pressente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí. Com o que quer que a comparemos a língua aparece sempre como algo de diferente. Mas em que é diferente? Considerando essa atividade, a linguagem, na qual tantos fatores estão associados, biológicos, físicos e psíquicos, individuais e sociais, históricos, estéticos, pragmáticos, ele se pergunta: a qual deles pertence a língua?

Poder-se-ia precisar a forma dessa interrogação reduzindo-a aos dois problemas seguintes, que podemos pôr no centro da doutrina saussuriana:

1.º Quais são os dados de base sobre os quais a lingüística se fundará, e como podemos atingi-los?

2.º De que natureza são as noções da linguagem e por que tipo de relação se articulam?

Percebemos essa preocupação em Saussure desde a sua entrada na ciência, com o seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, publicado quando tinha vinte e um anos, e que permanece como um dos seus títulos

6. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, 1957.

de glória. O estreante genial ataca um dos problemas mais difíceis da gramática comparativa, uma questão que, na verdade, ainda não existia e que ele foi o primeiro a formular nos seus termos próprios. Por que escolheu, dentro de um domínio tão vasto e tão prometedor, um objeto tão árduo? Releiamos o seu prefácio. Explica aí que a sua intenção consistia em estudar as múltiplas formas do *a* indo-europeu, mas que foi levado a encarar “o sistema das vogais no seu conjunto”. Isso o leva a tratar “uma série de problemas de fonética e de morfologia, dos quais alguns esperam ainda solução e outros nem foram ainda propostos”. E como para desculpar-se de ter de “atravessar as regiões mais incultas da lingüística indo-européia”, acrescenta esta justificativa bastante esclarecedora:

“Se apesar disso nos aventuramos nesse campo, bem vencidos de antemão de que a nossa inexperiência se perderá muitas vezes no dédalo, é porque, para qualquer um que se dedique a esses estudos, atacar essas questões não é uma temeridade, como freqüentemente se diz, mas uma necessidade; é a primeira escola por onde se tem de passar; pois se trata aqui não de especulações de uma ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares, sem os quais tudo flutua, tudo é arbitrariedade e incerteza”.

Estas últimas linhas poderiam servir de epígrafe a toda a sua obra. Contêm o programa da sua pesquisa futura, pressagiam a sua orientação e o seu objetivo. Até o fim da sua vida, e cada vez mais insistentemente, dolorosamente se poderia dizer, à medida que se adianta na sua reflexão, vai à procura dos “dados elementares” que constituem a linguagem, desviando-se pouco a pouco da ciência do seu tempo, em que não vê senão “arbitrariedade e incerteza”, numa época em que a lingüística indo-européia, segura dos seus métodos, procurava atingir, com crescente sucesso, o método comparativo.

São exatamente os dados elementares que é preciso descobrir, mesmo (gostaríamos de escrever: sobretudo) quando nos propomos remontar de um estado de língua histórico a um estado pré-histórico. De outra maneira não se pode justificar a evolução histórica, pois se há história, é a história de quê? O que é que muda e o que é que permanece? Como podemos dizer

de um dado lingüístico, tomado em dois momentos da evolução, que é o *mesmo* dado? Em que reside essa identidade, e já que é proposta pelo lingüista entre dois objetos, como a definiremos? É preciso um corpo de definições. É preciso enunciar as relações lógicas que estabelecemos entre os dados, os traços ou os aspectos sob os quais os apreendemos. Assim, ir aos fundamentos é o único meio — mas o meio seguro — de explicar o fato concreto e contingente. Para atingir o concreto histórico, para substituir o contingente na sua própria necessidade devemos situar cada elemento na rede de relações que a determina, e estabelecer explicitamente que o fato só existe em virtude da definição que lhe damos. Essa é a evidência que se impõe desde o início a Saussure e que a sua vida toda lhe será insuficiente para introduzir na lingüística.

Mesmo, porém, que ele houvesse podido formular então o que só deveria ensinar mais tarde, não teria feito mais que aumentar a incompreensão ou a hostilidade que encontraram os seus primeiros ensaios.

Os mestres de então, seguros da sua verdade, recusavam-se a ouvir essa formulação rigorosa, e a própria dificuldade do *Mémoire* bastava para desgostar a maioria. Saussure ia, talvez, desencorajar-se. Foi necessária uma nova geração para que as suas idéias lentamente seguissem o seu caminho. Foi um destino favorável que então o conduziu a Paris. Reencontrou alguma confiança em si mesmo graças a essa conjuntura excepcional que o levou a encontrar ao mesmo tempo um tutor benevolente, Bréal, e um grupo de lingüistas jovens, como A. Meillet e M. Grammont, que o seu ensinamento devia marcar profundamente. Uma nova fase da gramática comparada data desses anos em que Saussure transmite a sua doutrina, ao mesmo tempo em que a amadurece, a alguns dos que a desenvolverão. É por isso que relembramos, não apenas para avaliar a influência pessoal de Saussure, mas para estimar o progresso das idéias que eles anunciam, os termos da dedicatória que Meillet fez ao seu professor Saussure em 1903 da sua *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes* “por ocasião dos vinte e cinco anos decorridos desde a publicação do *Mémoire*... (1878-1903)”. Se houvesse dependido só de Meillet, o acontecimento teria sido

ainda mais marcado: uma carta inédita de Saussure nos revela que Meillet havia querido inicialmente escrever: “para o aniversário da publicação...”, e que Saussure amistosamente o havia dissuadido.

Mesmo em 1903, isto é, vinte e cinco anos depois, ainda não se podia saber tudo o que continha de intuições divinatorias o *Mémoire* de 1878. Eis um brilhante exemplo. Saussure havia percebido que o sistema vocálico do indo-europeu continha vários *aa*. À luz do conhecimento puro, os diferentes *aa* do indo-europeu são objetos tão importantes quanto as partículas fundamentais em física nuclear. Ora, um desses *aa* tinha a singular propriedade de comportar-se diferentemente dos seus dois congêneres vocálicos. Muitas descobertas começaram por uma observação semelhante, uma discordância num sistema, uma perturbação num campo, um movimento anormal numa órbita. Saussure caracteriza esse *a* por dois traços específicos. De um lado, não é parente nem de *e* nem de *o*; de outro, é coeficiente sonântico, isto é, é susceptível de desempenhar o mesmo papel duplo, vocálico e consonântico, das nasais ou das líquidas, e se combina com vogais. Observemos que Saussure fala dele como de um fonema, e não como de um som ou de uma articulação. Não nos diz como se pronunciava esse fonema, de que som poderia aproximar-se nesse sistema observável; nem mesmo se era uma vogal ou uma consoante. A substância fônica não é considerada. Estamos na presença de uma unidade algébrica, um termo do sistema, a que ele chamará mais tarde uma entidade distintiva e opositiva. Não se pode dizer que, mesmo vinte e cinco anos após haver sido publicada, essa observação tenha despertado muito interesse. Seriam necessários mais vinte e cinco anos para que ela se impusesse, em circunstâncias que a imaginação mais audaciosa não teria podido conceber. Em 1927, M. Kuryłowicz tornava a encontrar numa língua histórica, o hitita, então recentemente decifrada, sob a forma do som escrito *h*, o fonema definido cinquenta anos antes por Saussure como fonema sonântico indo-europeu. Essa bela observação fazia entrar na realidade a entidade teórica postulada pelo raciocínio em 1897.

Naturalmente, a realização fonética dessa entidade como *h* em hitita trazia ao debate um elemento novo, mas de natureza

diferente. A partir daí, duas orientações manifestaram-se na pesquisa. Para uns, tratava-se antes de tudo de avançar mais a investigação teórica, de elucidar, principalmente na morfologia indo-européia, os efeitos e as combinações desse “coeficiente sonântico”. Descobre-se hoje que esse fonema não é único, que representa uma classe inteira de fonemas, desigualmente representados nas línguas históricas, e que se chamam os “laríngeos”. Outros lingüistas acentuam, pelo contrário, a análise descritiva desses sons; procuram definir-lhes a realidade fonética; e como o número desses laríngeos ainda é matéria para discussão, vê-se de ano para ano multiplicarem-se as interpretações, que dão origem a novas controvérsias. Esse problema está hoje no centro da teoria do indo-europeu; apaixona os diacronistas tanto quanto os descritivistas. Tudo isso atesta a fecundidade das visões introduzidas por Saussure, e que não se cumpriram a não ser nestes últimos decênios, meio século após haverem sido publicadas. Até mesmo os lingüistas de hoje que não leram o *Mémoire* lhe são devedores.

Eis portanto Saussure que progride ainda jovem na carreira, com a estrela na testa. É recebido cordialmente na *École de Hautes Études*, onde encontra logo discípulos que o seu pensamento encanta e inspira, e na *Société de Linguistique*, onde Bréal cedo o encarrega do secretariado adjunto: uma carreira fácil se abre diante dele e tudo parece anunciar uma longa seqüência de descobertas. A expectativa não é frustrada. Relembremos apenas os seus artigos fundamentais sobre a entonação báltica, que mostram a profundidade da sua análise e permanecem como modelos para os que se aventuram nas mesmas pesquisas. É inegável, entretanto, o fato observado — e lamentado — pelos que tiveram de falar de Saussure nesses anos, que a sua produção logo diminui. Limita-se ele apenas a alguns artigos cada vez mais espaçados e que não escreve, aliás, a não ser para ceder a solicitações de amigos. Voltando a Genebra para ocupar uma cátedra na universidade, pára quase completamente de escrever. E no entanto nunca parou de trabalhar. O que, então, o impedia de publicar? Começamos a sabê-lo. Esse silêncio esconde um drama que deve ter sido doloroso, que se agravou com os anos, que inclusive jamais encontrou solução. Prende-se de um lado a

circunstâncias pessoais, sobre as quais os testemunhos dos seus parentes e dos seus amigos poderiam lançar alguma luz. Era sobretudo um drama do pensamento. Saussure afastava-se da sua época na mesma medida em que se tornava pouco a pouco senhor da sua própria verdade, pois essa verdade o fazia rejeitar tudo o que então se ensinava a respeito da linguagem. Mas ao mesmo tempo em que hesitava diante dessa revisão radical que sentia necessária, não podia resolver-se a publicar a menor nota antes de haver assegurado, em primeiro lugar, os fundamentos da teoria. A que profundidade essa perturbação o atingia e quanto às vezes, ele chegava perto de desanimar, é o que revela um documento singular, um passo de uma carta a Meillet (4 de janeiro de 1894) em que, a propósito dos seus estudos sobre a entonação báltica, ele confessa:

“Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, para escrever dez linhas quando se tem senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos aspectos sob os quais os tratamos, vejo cada vez mais, também, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao lingüista *o que ele faz*, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande insignificância de tudo o que se pode fazer, finalmente, em lingüística.

“Em última análise é somente o lado pitoresco de uma língua o que faz com que ela se distinga de todas as outras como pertencendo a um certo povo que tem certas origens, esse lado quase etnográfico, que conserva interesse para mim: e, precisamente, não tenho mais o prazer de poder entregar-me a esse estudo sem desconfiança, e de desfrutar do fato particular que se prende a um meio particular.

“Sem cessar, a absoluta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral vem estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não precisar ocupar-me da língua em geral.

“Isso, contra a minha vontade, acabará num livro, em que, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado em lingüística ao qual eu atribua um sentido

qualquer. É só depois disso, confesso-o, que poderei retomar o meu trabalho no ponto em que o havia deixado.

“Eis aí uma disposição, talvez estúpida, que explicaria a Duvau por que, por exemplo, atrasei mais de um ano a publicação de um artigo que não oferecia materialmente nenhuma dificuldade — sem chegar, aliás, a evitar as expressões logicamente odiosas, porque para isso seria necessária uma reforma decididamente radical”⁽⁷⁾.

Vê-se em que debate está preso Saussure. Quanto mais sonda a natureza da linguagem, menos pode satisfazer-se com as noções recebidas. Procura então um desvio em estudos de tipologia etnolingüística, mas é sempre reconduzido à sua primeira obsessão. Talvez seja ainda para escapar-lhe que se lançará mais tarde nessa procura imensa de anagramas... Hoje, porém, vemos qual era o risco: o drama de Saussure transformaria a lingüística. As dificuldades contra as quais se choca a sua reflexão forçá-lo-ão a forjar as novas dimensões que ordenarão os fatos de linguagem.

Desde esse momento, realmente, Saussure viu que estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem. Cremos poder atingir diretamente o fato de língua como uma realidade objetiva. Na verdade, não a apreendemos a não ser segundo um certo enfoque, que é preciso inicialmente definir. Deixemos de acreditar que se apreende na língua um objeto simples, que existe por si mesmo, e é susceptível de uma apreensão total. A primeira tarefa consiste em mostrar ao lingüista “o que ele faz”, a que operações preliminares se entrega inconscientemente quando aborda os dados lingüísticos.

Não havia nada mais afastado do seu tempo que essas preocupações lógicas. Os lingüistas estavam então absorvidos num grande esforço de investigação histórica no emprego dos materiais de comparação e na elaboração de repertórios etimológicos. Esses grandes empreendimentos, afinal muito úteis, não deixavam

7. Este texto foi citado por Godel, op. cit., p. 31, mas segundo uma cópia defeituosa que deve ser corrigida em vários lugares. O passo foi reproduzido aqui segundo o original.

[1965]. Ver agora E. Benveniste, “Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet”, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 21 (1964), p. 92-135.

lugar às preocupações teóricas. E Saussure permanecia sozinho com os seus problemas. A imensidade da tarefa que devia ser cumprida, o caráter radical da reforma necessária podiam fazê-lo hesitar, às vezes desencorajá-lo. Apesar disso não renuncia. Sonha com um livro em que dirá tudo isso, em que apresentará as suas opiniões e empreenderá a refundição completa da teoria.

Esse livro não será jamais escrito, mas restam dele esboços, sob a forma de notas preparatórias, de observações jogadas rapidamente, de rascunhos, e quando, para exercer obrigações universitárias, tiver de dar um curso de lingüística geral, retomará os mesmos temas e os estenderá até o ponto em que os conhecemos.

Reencontramos, de fato, no lingüista de 1910 o mesmo objetivo que guiava o estreante de 1880: garantir os fundamentos da lingüística. Recusa os quadros e as noções que vê empregar em toda parte, porque lhe parecem estranhos à natureza própria da língua. Qual é essa natureza? Explica-as brevemente em algumas dessas notas, fragmentos de uma reflexão que não pode nem renunciar nem fixar-se completamente:

“Acolá há coisas, há objetos determinados, que temos a liberdade de considerar através de prismas diferentes. Aqui, há em primeiro lugar prismas, exatos ou falsos, mas apenas prismas, com a ajuda dos quais se *criam* secundariamente as coisas. Acontece que essas criações ou correspondem a realidades quando o ponto de partida é exato ou não correspondem, no caso contrário; mas nos dois casos coisa nenhuma, objeto nenhum é determinado por um instante em si. Nem mesmo quando se trata do fato mais material, mais evidentemente definido em si na aparência, como seria uma seqüência de sons vocais⁽⁸⁾.”

“Eis aqui a nossa profissão de fé em matéria lingüística: em outros domínios, pode falar-se das coisas através *deste ou daquele prisma*, com a certeza de reencontrar um terreno firme no próprio objeto. Em lingüística, negamos em princípio que haja objetos dados, que haja coisas que continuem a existir quando se passa de uma ordem de idéias a outra e que seja possí-

8. C.F.S., 12 (1954), p. 57 e 58.

vel, conseqüentemente, permitirmo-nos considerar “coisas” em várias ordens, como se fossem determinadas por elas mesmas”⁽⁹⁾.

Essas reflexões explicam por que Saussure considerava tão importante mostrar ao lingüista “o que ele faz”. Queria fazer compreender o erro em que se envolveu a lingüística desde que estuda a linguagem como uma coisa, como um organismo vivo ou como matéria que se analisa por uma técnica instrumental, ou ainda como uma criação livre e incessante da imaginação humana. É preciso voltar aos fundamentos, descobrir esse objeto que é a linguagem, a que nada pode ser comparado.

Que é, então, esse objeto, que Saussure erige sobre uma tábua rasa de todas as noções recebidas? Tocamos aqui no que há de primordial na doutrina saussuriana, num princípio que presume uma intuição total da linguagem, total ao mesmo tempo porque contém o conjunto da sua teoria, e porque abarca a totalidade do seu objeto. Esse princípio é que a linguagem, como quer que se estude, é sempre um objeto duplo formado de duas partes cada uma das quais não tem valor a não ser pela outra.

Aí está, parece-me, o centro da doutrina, o princípio de onde procede todo o aparato de noções e de distinções que forma o *Cours* publicado. Realmente, tudo na linguagem tem de ser definido em termos duplos; tudo traz a marca e o selo da dualidade opositiva:

- dualidade articulatória/acústica;
- dualidade do som e do sentido;
- dualidade do indivíduo e da sociedade;
- dualidade da língua e da fala;
- dualidade do material e do não-substancial;
- dualidade do “memorial” (paradigmático) e do sintagmático;
- dualidade da identidade e da oposição;
- dualidade do sincrônico e do diacrônico, etc.

E, mais uma vez, nenhum dos termos assim opostos tem valor por si mesmo ou remete a uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe ao outro:

“A lei absolutamente final da linguagem consiste, se ousamos dizê-lo, em que não há nada, jamais, que possa residir em *um*

9. C.F.S., 12 (1954), p. 58.

termo; isso é consequência direta do fato de que os símbolos lingüísticos não têm relação com aquilo que devem designar; assim, pois, *a* é impotente para designar algo sem o concurso de *b* e o mesmo ocorre com este, sem o concurso de *a*; ambos só têm valor pela sua diferença recíproca, ou nenhum tem valor, mesmo por uma parte qualquer dele mesmo (suponho “a raiz”, etc.), a não ser por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas”⁽¹⁰⁾.

“Como a linguagem não oferece, em nenhuma das suas manifestações, uma substância, mas somente *ações* combinadas ou isoladas de forças fisiológicas, psicológicas, mentais; e como apesar disso todas as nossas distinções, toda a nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar são moldadas sobre essa suposição involuntária de uma substância, não podemos recusar-nos, antes de tudo, a reconhecer que a teoria da linguagem terá como tarefa mais essencial deslindar o que resta das nossas primeiras distinções. É-nos impossível aceitar que se tenha o direito de estabelecer uma teoria desprezando esse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda tenha parecido até hoje satisfazer o público lingüístico”⁽¹¹⁾.

É claro que se pode tomar como objeto da análise lingüística um fato material, por exemplo um segmento de enunciado ao qual não se prenderia nenhuma significação, considerando-o como simples produção do aparelho vocal, ou mesmo uma vogal isolada. Acreditar que temos aí uma substância é ilusório; é precisamente e apenas por uma operação de abstração e de generalização que podemos delimitar semelhante objeto de estudo. Saussure insiste nisso: é só o ponto de vista que cria essa substância. Todos os aspectos da linguagem que temos como dados são o resultado de operações lógicas que praticamos inconscientemente. Tomemos consciência disso. Abramos os olhos para esta verdade: não há um único aspecto da linguagem que seja um dado fora dos outros e que se possa pôr acima dos outros como anterior e primordial. Daí esta comprovação:

10. C.F.S., 12 (1954), p. 63.

11. *Ibid.*, p. 55 e 56.

“À medida que aprofundamos a matéria proposta para o estudo lingüístico, mais nos convencemos dessa verdade que, seria inútil disfarçá-lo, dá muito o que pensar: o elo que se estabelece entre as coisas preexiste, nesse domínio, às *próprias coisas*, e serve para determiná-las”⁽¹²⁾.

Tese de aparência paradoxal, que ainda hoje pode surpreender. Certos lingüistas censuram a Saussure o comprazer-se em sublinhar paradoxos no funcionamento da linguagem. A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não vêem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e a dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe e que nos cumpre destacar.

Dessas visões do problema procede a doutrina a que os discípulos de Saussure deram forma e que publicaram. Hoje, exegetas escrupulosos entregam-se à necessária tarefa de restaurar no seu conteúdo exato as lições de Saussure, servindo-se de todos os materiais que puderam reencontrar. Graças aos seus cuidados temos uma edição crítica do *Cours de linguistique générale*, que não apenas nos dará uma imagem fiel desse ensinamento transmitido sob a sua forma oral mas permitirá fixar rigorosamente a terminologia saussuriana.

Essa doutrina *enforma* de fato, de um modo ou de outro, toda a lingüística teórica do nosso tempo. A ação que exerceu foi acrescida pelo efeito de convergências entre as idéias saussurianas e as de outros teóricos. Assim, na Rússia, Baudoin de Courtenay e seu discípulo Kruszewski propunham então, de maneira independente, uma nova concepção do fonema. Distinguiam a função lingüística do fonema da sua realização articulatória. Esse ensinamento encontrava em suma, numa escala menor, a distinção saussuriana entre língua e fala, e atribuía ao fonema um valor diferencial. Era o primeiro germe daquilo que se desen-

12. C.F.S., 12 (1954), p. 57.

volveu numa nova disciplina, a fonologia, teoria das funções distintas dos fonemas, teoria das estruturas das suas relações. Quando a fundaram, N. Trubetzkoy e R. Jakobson reconheceram expressamente tanto em Saussure como em Baudouin de Courtenay os seus precursores.

A tendência estruturalista que se firma a partir de 1928, e que deveria, a seguir, ser posta no primeiro plano, tem assim as suas origens em Saussure. Embora este não tenha jamais empregado num sentido doutrinal o termo “estrutura” (palavra que, aliás, por haver servido de bandeira a movimentos muito diferentes, acabou por esvaziar-se de qualquer conteúdo preciso), é certa a filiação a Saussure de todos os que procuram na relação dos fonemas entre si o modelo da estrutura geral dos sistemas lingüísticos.

Talvez seja útil situar através desse prisma uma das escolas estruturalistas, a mais caracterizada nacionalmente, a escola americana, na medida em que traz a autoridade de Bloomfield. Sabemos muito bem que Bloomfield havia escrito uma análise muito elogiosa do *Cours de linguistique générale*, na qual, louvando Saussure pela distinção entre *língua* e *fala*, concluía: “He has given us the theoretical basis for a science of human speech”⁽¹³⁾. Por mais diferente que se tenha tornado a lingüística americana, não é menor o seu elo com Saussure.

Como todos os pensamentos fecundos, a concepção saussuriana da língua trazia conseqüências que não se perceberam logo. Existe, mesmo, uma parte do seu ensinamento que permaneceu meio inerte e improdutiva durante muito tempo. É a parte relativa à língua como sistema de signos e a análise do signo em significante e significado. Havia aí um princípio novo, o da unidade de face dupla. Nestes últimos anos, a noção de signo foi discutida entre os lingüistas: até que ponto as duas faces se correspondem, como se mantêm ou se dissociam a unidade através da diacronia, etc. Muitos pontos da teoria estão ainda por examinar. Haverá por que perguntarmo-nos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos

13. *Modern Language Journal*, 8 (1924), p. 319.

os níveis. Assinalamos noutro passo que a frase como tal não admite a segmentação em unidades do tipo do signo.

O que desejamos acentuar aqui é o alcance desse princípio do signo instaurado como unidade da língua. O resultado é que a língua se torna num sistema semiótico: “a tarefa do lingüista”, diz Saussure, “consiste em definir o que torna a língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos... Para nós o problema lingüístico é antes de tudo semiológico”⁽¹⁴⁾. Ora, vemos agora propagar-se esse princípio para fora das disciplinas lingüísticas e penetrar nas ciências do homem, que tomam consciência da sua própria semiótica. Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”. Analistas da sociedade perguntam-se se determinadas estruturas sociais ou, em outro plano, esses discursos complexos que são os mitos não deveriam considerar-se como significantes cujos significados seria preciso procurar. Essas investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura*.

Parece-nos que se deveria estabelecer uma distinção fundamental entre duas ordens de fenômenos: de um lado os dados físicos e biológicos, que apresentam uma natureza “simples” (qualquer que seja a sua complexidade) porque pertencem inteiramente ao campo em que se manifestam, e porque todas as suas estruturas se formam e se diversificam em níveis sucessivamente atingidos na ordem das mesmas relações; e, de outro lado, os fenômenos próprios ao meio interumano, que têm essa característica de não poderem jamais ser tomados como dados simples nem definir-se dentro da ordem da sua própria natureza, mas devem sempre ser recebidos como duplos, pelo fato de que se ligam a outra coisa, qualquer que seja o seu “referente”. Um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo diferente. No dia em que uma ciência da cultura tomar forma, fundar-se-á provavelmente sobre esse caráter primordial e elaborará as suas dualidades próprias a partir do modelo que Saussure deu para a língua, sem se submeter necessariamente a ele.

14. *Cours de linguistique générale* 1, p. 34 e 35.

Nenhuma ciência do homem escapará a essa reflexão sobre o seu objeto e sobre o seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, pois o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura.

Que estranho destino esse das idéias, e como parecem às vezes viver pela sua própria vida, revelando ou desmentindo ou recriando a figura do seu criador. Pode-se pensar durante muito tempo sobre esse contraste: a vida temporal de Saussure comparada com o destino das suas idéias. Um homem sozinho dentro do seu pensamento durante quase toda a sua vida, não podendo consentir em ensinar aquilo que julga falso ou ilusório, sentindo que é preciso refundir tudo, cada vez menos tentado a fazê-lo e, finalmente, após muitos desvios que não podem arrancá-lo ao tormento da sua verdade pessoal, comunicando a alguns ouvintes, sobre a natureza da linguagem, idéias que não lhe pareciam jamais suficientemente amadurecidas para serem publicadas. Morre em 1913, pouco conhecido fora do círculo restrito dos seus alunos e de alguns amigos, já quase esquecido pelos seus contemporâneos. Meillet, na bela nota biográfica que então lhe dedica, lamenta que essa vida termine sobre uma obra incompleta: “Após mais de trinta anos, as idéias expressas por Ferdinand de Saussure no seu trabalho de estréia, não esgotaram a sua fecundidade. E, no entanto, os seus discípulos têm a impressão de que ele não ocupou — bem longe disso — na lingüística do seu tempo o lugar que lhe deviam valer os seus dons geniais...”⁽¹⁵⁾. E termina com este lamento pungente: “Ele havia produzido o mais belo livro de gramática comparada que se escreveu, semeado idéias e proposto teorias firmes, posto a sua marca sobre numerosos alunos e, no entanto, não havia cumprido todo o seu destino”⁽¹⁶⁾.

Três anos após a morte de Saussure aparecia o *Cours de linguistique générale*, redigido por Bally e Séchehaye segundo notas dos estudantes. Em 1916, no meio de retinir das armas, quem poderia preocupar-se com um trabalho de lingüística?

1 *Linguistique historique et linguistique générale*, II, p. 174.

1 *Ibid.*, p. 183.

Nunca foi mais verdadeira a palavra de Nietzsche de que os grandes acontecimentos chegam sobre patas de pombos.

Hoje, cinqüenta anos decorreram desde a morte de Saussure, duas gerações nos separam dele, e o que vemos? A lingüística tornou-se numa ciência importante entre as que se ocupam do homem e da sociedade; uma das mais ativas na pesquisa teórica assim como nos seus desenvolvimentos técnicos. Ora, essa lingüística renovada é em Saussure que tem a sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas em que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure. Essa semente de claridade, recolhida por alguns discípulos, tornou-se numa grande luz, que decortina uma paisagem cheia da sua presença.

Dizemos aqui que Saussure pertence para sempre à história do pensamento europeu. Precursor das doutrinas que de cinqüenta anos para cá transformaram a teoria da linguagem; lançou idéias inesquecíveis sobre a faculdade mais alta e mais misteriosa do homem e, ao mesmo tempo, propondo no horizonte da ciência e da filosofia a noção de “signo” como unidade bilateral, contribuiu para o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura, e para a constituição de uma semiologia geral.

Abarcando com o olhar esse meio século decorrido, podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas idéias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa.